

# O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

### PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$000 rs.; semestre (25 n.º) 500 rs.  
FORA D' AVEIRO: anno (50 n.º) 1\$125 rs.; semestre (25 n.º) 570 rs.  
BRAZIL, (moeda forte) e Africa oriental, anno... 1\$500

### Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

### PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.  
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.  
Número avulso 30 rs.  
Redacção e administração — rua Direita.

## AVEIRO

### CONTRA A FRANÇA

Declarou-se a guerra santa nos arraues dos Braganças contra a Republica franceza.

Os papeis monarchicos receberam ordem do patrão para calumniar, por todas as formas, o regimen democratico da grande nação latina e a ordem cumprese fielmente.

Não se incomodam, estes senhores realistas, com o que vae cá por dentro. Estámos mal? Deixa-o estar. Que importa lá que seja enormissima a nossa dívida publica, que não chegue metade da receita para lhe pagar os juros, que não haja commercio nem industria, que estejamos sobrecarregados d' impostos, que a instrucção publica seja uma mentira, que a lei seja um sophisma, que o patronato impere, que o rei entregue as nossas colonias á Inglaterra, que os compadres do Porto encham bolsos de libras á custa da nação, que o parlamento seja uma vergonha? Isto não quer dizer cousa alguma. Nada n'um mar de rosas sem espinhos, este abençoado paiz, e nem vale a pena a gente occupar-se d'elle.

A França sim, aquillo é que nos interessa, aquillo é que nos convem vigiar d' ali é que nos ha de vir o pão. Em Portugal rouba-se? O governo explora-nos? E então que vos parece! Os senhores republicanos a fallarem n'isso quando em França se dão acontecimentos importantes, que devem chamar pela sua magnitude a attenção da gente seria!

Que vociferem, pois, esses idiotas á vontade e tratemos de indagar se a Republica franceza está solida ou não está.

Ai! Se aquella maldita Republica se deixasse ir por agua abaixo... Então é que nós estávamos felizes e as venturas cho-

viam-nos do céu como o antigo maná no deserto!

São uns bons pandegos, os taes senhores monarchicos. Convenceram-se de que faziam grande propaganda anti-republicana calunniando o actual systema politico da França e afinal estão-nos fazendo um magnifico serviço.

Sim, porque o povo não é tão asno como elles o julgam e ha de reparar nos ataques constantes que dirigem á Republica.

—Que diabo! Os tempos por aqui correm bicudos, isto vae de mal para peor, eu já não tenho camisa e não tardará que fique sem pelle, eu ganho o mesmo que ganhava aqui ha annos e os generos alimenticios cada vez estão mais caros, vejo a fome a fazer-me negações lá ao longe, e estes homens em lugar de me procurarem remedio a tantos males estão-me sempre a quebrar a cabeça com a Republica franceza! Que me importa a mim que os negocios de França corram bem ou corram mal? Que se governem; se correm bem melhor para elles e oxalá que os meus corressem assim. «Primeiro nós, depois vós», diz o ditado.

E são teimosos! D'uma teimosia valente! Que interesses teem elles em desacreditar o governo francez? Porque não desacreditam o hespanhol, o italiano, o inglez, o allemão? Porque aquelle é republicano? Hum, aqui ha cousa e á força de dizerem tão mal do primeiro e tão bem dos segundos, um dos quaes eu conheço perfeitamente, que é o meu, vou-me convencendo de que aquelle é muito melhor do que estes.

Estas reflexões não se produzirão naturalmente no espirito do Zé pagante, seus «parvalheiros» da monarchia?

Pensem n'isso. Senhores realistas, olhae que fazeis jogo descoberto. Ha treze annos que berraes contra a Republica e eu vejo-a cada vez mais solida.

Ainda tenho a zumbir nos ouvidos as vossas declamações irritantes contra Gambetta e as vossas indignas zumbaias a Mac Mahon. Gambetta disse referindo-se ao jesuita agaladoo, que infelizmente presidiu aos altos destinos da França — «submitte-se-ha ou demittir-se-ha» e vós trocastes o sublime tribuno e prophetisastes com entono a derrocada completa d'aquillo que era obra sua em grande parte. Por fim o vosso heroe não só se submetteu mas até se demittiu.

Eu ouvi-vos n'outro dia gritar que a questão da Tunisia era o escolho para os demagogos francezes a rede armada pela Italia e pela Allemanha para apañhar a pobre França republicana.

Por fim essa pobre França bombardeou a Tunisia com as suas esquadras, inundou-a de soldados e deu com a sua conquista na cara da Italia e da Allemanha.

Eu lembro-me de que espalhastes hontem pelo paiz a nova aterradora das manifestações legitimistas apregoando a vinda do «rei» Henrique, o ungido de Deus. Por fim a Republica pregou com o Plou-plou na cadeia passado pouco tempo e correu do exercito com os parentes do «rei» Henrique.

Eu ouço-vos a vociferar de novo e a tecer mil meadas de obstaculos e perigos com os tumultos anarchistas. Por fim esses tumultos nem sequer se produziram.

A Republica, dizeis, mata a França. Pode ser, mas até hoje só vida brilhante lhe tem dado. Pagou uma divida enormissima á Allemanha de centenas de contos, redificou cidades, lavrou os campos talados, organisou o exercito esphacelado, desenvolveu a marinha arruinada, abriu canaes, construiu estradas, espalhou escolas, diminuiu os impostos, em tudo gastou milhões e milhões de francos e não obstan-

te a sua receita augmentou e augmenta.

Ah! bem sabemos onde que-reis bater. A Republica franceza por esses factos que ali ficam apontados exerce uma terrivel propaganda em Portugal, que adora a França e que quer ter tudo o que ella tem. O desenvolvimento espantoso que deu em treze annos ao paiz é a condemnação completa do constitucionalismo que, passados cincoenta annos, nos collocou em peiores circumstancias do que estavamos quando elle subiu ao poder.

Descançae, socegae, tranquilisae-vos. A propaganda continuará a fazer-se com maior energia e actividade, porque a obra da Republica franceza nem em meio ainda está.

X.

## O direito divino

### PRELIMINARES

A um povo que voluntariamente abdica dos direitos da razão na mão ensanguentada dos padres, facil é impor a escravidão moral em nome dos deuses invisiveis, e a tyrannia physica em nome dos privilegios sagrados concedidos pela Divindade a uma certa familia eleita. A theocracia dá as mãos á monarchia e os dois monstros ceavam-se regaladamente no puro sangue popular. O pontifice, vigario de Deus na terra, sagra o despota, e estende a mão ao carrasco. O altar é uma variante do pathibulo. N'este esmaga-se o corpo da victima, n'aquelle aniquila-se-lhe a alma pela supressão da intelligencia e da vontade, pelo dominio absoluto do dogma.

Entre nós, povo profundamente catholico-apostolico-romano, povo desde tempos hem remotos, bestializado pelos padres de Roma, e sugado por os senhores em cujas veias gira o sangue corrupto dos Braganças, a monarchia de direito divino acha uma capa protectora na religião do Estado. El-rei é o senhor d'este vil rebanho, reconhecidamente porque a Deus assim approveu. A graça de Deus parece que vae redundando em chalaça...

O nosso fim ao publicarmos o presente estudo é unicamente mostrar ao povo que o direito divino é uma burla; a que urge, por dignidade do po-

vo, substituir-lhe o direito humano; esmigalhar á luz d'uma critica severa e imparcial a lenda d'esse rei devasso que na Judeia se chamou David, e que a Igreja catholica colloca entre os bemaventurados da côrte celestial. Feito isto abraçaremos n'um relance a historia lúgubre dos desenove seculos de um christianismo enervador, e mostraremos como a Igreja se tem collocado sempre covardemente do lado do mais forte, para mais livremente poder extorquir aos povos o fructo do seu suor amargo.

Hoje que a monarchia se esphacela ahí, accusada pela Historia no tribunal da Philosophia, urge que todos, ainda os mais obscuros legionarios do Direito, empenhem todas as suas forças na destruição d'essa Bastilha maldita.

Sim: que em face do Jesuitismo que ahí levanta a cabeça, cynicamente, certo da protecção infame, e illegal, dos governos constitucionaes, todos nós, os moços, os homens novos, cheios do vigor que dá a esperanca ainda não mentida, erpunchemos com valentia o camartello demolidor de todos os aleijões sociaes. Primeiro a monarchia e a sua alliada, a theocracia, isto é, a Igreja. Depois o resto.

Quereis provar o direito divino dos reis com as paginas da Biblia?— Está bem. Deslindemos a farçada.

O pseudonymo, habitualmente por mim usado nas folhas de combate, firma ainda estes artigos. Aquelles que nos tiverem seguido n'esta ardua peregrinação, que avaliem se sim ou não continuamos na vareda iniciada.

Porto 1882.

Ismael.

## Carta

Um dos individuos mais auctorizados e respeitaveis d'este districto escreve-nos a seguinte carta:

Cidadãos amigos e redactores do jornal *O Povo de Aveiro*.

Li e gostei de ler o vosso jornal n.º 61, de 25 do corrente. Peço, porém, licença para dizer, não ser exacto quando accusam o deputado pelo circulo d'Aveiro de ter descurado os negocios do seu circulo, e não ter reclamado do governo os melhoramentos para a barra d'Aveiro, de que tanto precisa.

Permittam-me dizer-vos, que a culpa, se a ha, não será d'elle, e sim dos influentes d'essa cidade, não lhe tendo indicado quaes as necessidades

da matresilva rejuvenescidas pela chuva. As aves dos bosques, o pintarcho, o tor-do e melro, garganteavam alegres melodias por entre os ramos.

Eram estromecimentos de amor, e estromecimentos de azas capazes de fazer expandir-se o coração, então Bernardo Hertzog, despertando da sua somnolencia, deu quatro passos para fora, erguen os olhos e viu algumas nuvens brancas correr em caravanas vaporosas n'um céu claro. Viu tambem no lado fronteiro todo o rebanho de bois, de vacas e de vitellas encostado á rocha... Uns magestosamente estendidos, os joelhos dobrados, os olhos fechados... outros com o pescoço este ndido, mugindo com voz solenne. Alguns outros annuaes contemplavam as festas do madre-silva pendentes do grunio e pareciam aspirar-lhes os perfumes com satisfação.

(Continúa).

Erchman-Chatrian.

(5).

## Folhetim

### UMA NOITE NO BOSQUE

II

Bem depressa a tempestade pairou sobre as gargantas do Nideck, e as detonações repercutidas de rochedo em rochedo, assumiram proporções verdadeiramente grandiosas, parecia que as montanhas se quebravam umas d'encontro as outras. A cada novo trovão, o tio Bernardo abaixava instrativamente a cabeça, julgando ter-lhe caído raio sobre a nuca.

—O primeiro Triboque que construiu uma habitação não era um louco, monologava elle: devia ser um homem de muito juizo... já elle previa as variações da temperatura! Que nos teria acontecido a estas horas, por um tempo d'estes, se estivesse ao ar livre? Teria os bem da qu' nos tr-

xarmos. A invenção d'este Triboque vale tanto n'este caso como as machinas a vapor. O seu nome deveria ter passado á historia.

O bom homem mal acabava de fazer estas reflexões, quando uma rapariga de quinze a desesseis annos, armada d'um grande chapéu de palha a servir de guarda-chuva, com uma saia de lã branca muito crespa, e os pequenos pés descalços cobertos de lama, assomando á entrada, disse:

—Bons dias, sr!  
—Amen, respondeu Christiano com voz solenne.

Esta rapariga apresentava o typo scandinavo o mais perfeito: côres rosadas n'umas faces mais brancas do que a neve, louras tranças fluctuantes, tão finas e tão brancas, que mal se pode dar ideia d'ellas.

Era alta, esbelta, e os olhos tinham um encanto inexprimivel.

Bernardo Hertzog ficou extasiado durante alguns instantes, e o segure aproximando-se da rapariga, disse-lhe com doçura: — Bem apparecida sejas, Fuldrade! Imen-

gardo dorme sempre... Que tempo! A tempestade não começa a dissipar-se?

—Começa... O vento vae-a levando para a planicie. A chuva acaba antes que finde o dia.

—Depois, sem olhar para Bernardo Hertzog, foi sentar-se perto da velha que pareceu reanimar-se.

—Fuldrade, disse ella, a torre grande está ainda em pé?

—Está!  
A velha deixou pender a cabeça... e os seus labios agitaram-se-lhe.

Depois dos últimos trovões começara a cair uma chuva ligeira.

Nas profundezas do valle ouvia-se apenas o estampido imenso, continuo do vendaval, e o susurro das levadas precipitando-se nos barrancos.

Depois quando a chuva parecia ir a desapparecer, novos aguaceiros, mais rapidos e mais impetuosos.

Na cabana ninguém fallava... ninguém se movia... sentiam-se felizes por ter um abrigo.

No intervallo de dois aguaceiros

tilintar que Bernardo Hertzog ouvira na montanha, quando acordou, passou ligeiramente pela pequena janella da cabana, e pareceu que tambem uma grande cabeça armada de pontas, pintalgada de manchas brancas e negras... a cabeça d'uma soberba vitella, e veio até á porta.

—Olé! é Waldine, disse Christiano rindo. Ella procura-te Fuldrade...

O pobre animal, manso e pacifico, depois de ter o lado durante alguns instantes adeantou-se até ao meio do lar, e veio cheirar a velha irmoengard.

—Vae-te embora, dizia Fuldrade, vae com as outras, anda.

E a vitella, obdiente, voltou-se para a maquina de serrar... Mas a agua que cahia da preza pareceu fazel-a reflectir. Ficou ali, observando a cheia, agitando a cauda, e mugindo com ar melancholico.

Ao fim de vinte minutos, o tempo alliviou, o sol começou a apparecer, e Waldine deitando-se emfim, sahio gravemente como tinha entrado.

Um ar fresco penetrava então na cabana e os mil pariquês da hera, do musgo,

para o districto. Tenho por varias vezes ouvido elle dizer, que se não tem feito, reclamando do governo alguns melhoramentos para o districto, é por que não sabe quaes os de que precisa, pois não habitando Aveiro, não sabe o que mais lhe convem.

Sei a boa vontade que o deputado por Aveiro tem de ser util ao seu circulo.

Queiram pois indicar o que é conveniente fazer, que estou certo, fará o possivel para o obter.

Son, etc.

\*\*\*

Esta carta é a condemnação mais fulminante e completa, que se pôde encontrar da nossa desgraçadissima politica local. Não sympathisamos com o deputado por Aveiro. O sr. Dias Ferreira tem talento, mas, na nossa opinião, emprega-o muito mal no serviço do seu paiz. Para nós, republicanos, tem sua excellencia o grave inconveniente de ser monarchico e por tanto o de ser cumplice em todos os erros e em todos os crimes da monarchia contemporanea. Porém, tem além d'isso umas celebres incoherencias imperdoaveis n'um homem politico e o defeito capital para nós, aveirenses, de desconhecer completamente os nossos sentimentos, opiniões, desejos e interesses.

Não obstante, estamos d'accordo com o illustre auctor da carta que se lê acima em reconhecer que a culpa do abandono a que o sr. Dias Ferreira votou o seu circulo é mais dos influentes d'Aveiro, dos capitães môres, dos mandões, de que sua realmente.

Sabemos de facto que o deputado por Aveiro se queixa dos influentes d'aqui lhe pedirem exclusivamente postas grandes e pequenas, mercês para afilhados e galopins, e de nunca lhe fallarem nas necessidades geraes da terra. E fallar para quê? O distincto parlamentar é por ventura o representante d'este circulo? Não. Sua excellencia representa apenas na camara os caprichos ou as ambições, ou as *illusões*, se o quiserem assim, de meia duzia de capitães môres. O que convém é que elle se abra de intes-

resses e as vaidades, que lhe transfira sieranos, que lhe empregue beltrano, que lhe ajude este a subir e aquelle a engordar. Tratar das necessidades da terra não vale a pena. Que importa lá que a nossa barra, em que tanto dinheiro se tem gasto, se tape, que a nossa industria do sal se arruine, que a capital de um dos mais ricos districtos do paiz vegete para ali tristemente como uma pequena villa, tendo condições para grande cidade? O Zê pagante, por ora, vai vivendo e quando não poder viver, que o leve o diabo com fome, que isso nada querará dizer para os que lá das alturas nos dirigem.

Pois bem, já que elles nos desprezam como verdadeiros senhores feudaes, já que o seu proprio representante se queixa de que o não informam dos interesses geraes d'Aveiro, como o afirma pessoa mais capaz de o saber do que ninguém e como nos consta ainda por outras vias, informal-o-hemos nós, nós que representamos o povo, que d'elle vimos, que d'elle somos, que para elle vamos. Collocamos acima de tudo o amor do paiz e o amor da nossa terra, á qual temos a consciencia de estar prestando alguns serviços e por consequente, apesar de resolvidos terminantemente a combater á *outrance*, na primeira occasião, a candidatura do sr. Dias Ferreira ou outra qualquer monarchica, applaudiremos do fundo d'alma aquelle homem publico se elle se resolver a ouvir as reclamações que em breve lhe faremos e a pugnar na camara pelos interesses d'esta boa terra. Podem elle e o povo contar connosco, que não abandonaremos a brecha.

Lutemos e triumpharemos.

ENSINO UTIL

AS TRICHINAS

Trichina se chama ao verme, fino como um cabelo, de que me estou occupando; n'uma das extremidades, onde está a boca, é mais aguçado; na outra, mais arredondado.

Na carne do animal onde se introduz, vive a trichina dentro d'um pequeno kisto, palavra esta que em grego tambem significa hexiga, e ali está enrolada, em espiral como o arame que forma as molas de certas ratoeiras.

N'essa hexiga ou kisto, a principio transparente, deposita-se com tempo uma materia calcarea; e então cada kisto, branco e do tamanho d'uma pequena cabeça d'alfinete, distingue-se perfeitamente entre a carne.

Vejamos agora como chega ali a trichina:

Um homem come a carne de porco, onde se acham os kistos; no estomago, e a materia calcarea que rodea o verme são digeridas. As trichinas seguem nos intestinos, vão tomando formas mais desenvolvidas que podem attingir quatro millimetros de comprimento, e apparecem organisadas umas, as mais numerosas, como femeas, as outras como machos. São os filhos d'estas trichinas que produzem directamente o mal.

São pequenissimos esses filhos de doze centesimos de millimetro de comprimento, muito agudo, furando por isso com a extremidade que representa a cabeça as paredes dos intestinos, dirigindo-se em seguida para todos os musculos. Apenas o coração se tem, até hoje, sempre encontrado livre de trichinas.

E' n'esta viagem pelo organismo do homem que as trichinas são principalmente perigosas.

Não me consta que até hoje se tenham descoberto nos porcos portuguezes as trichinas; valia a pena porém fazer n'esse sentido numerosas observações microscopicas.

Na Alemanha a doença é conhecida, e nos porcos americanos se sabe que tem sido importada por muito paizes.

Quando a carne é cozida ou assada, a uma temperatura de cerca de 100 graus centigrados, o perigo parece desaparecer porque a essa temperatura todos os germens são mortos. Ninguém deve pois comer a carne, simplesmente fumada, dos presuntos ou chourigos, convindo entretanto evitar as carnes d'origem estrangeira. O toucinho pode comer-se sem medo porque não tem nunca trichinas.

Todos os dias se inventam na Alemanha novos typos de microscopios baratos, com que qualquer pessoa possa facilmente examinar as carnes que consome.

Em Pariz estabeleceu-se ha tempos um laboratorio municipal para o exame dos generos alimenticios, e nemtun vendedor pôde, segundo a lei, recusar-se a deixar examinar ali os seus productos.

Agora temos tambem um posto de analyse em Lisboa e outro no Porto.

Em face d'este perigo existem na Europa duas escolas, a dos que appellidam os mais de terroristas e que de nada se temem; e a dos que decretam a prohibição radical de todas as carnes frescas ou conservadas com proveniencia de paizes onde reine a trichina. N'este numero está Portugal segundo a noticia d'um acreditado periodico francez. E nós que não o sabemos! Decididamente não ha como a Franca para escrever com exactidão acerca de coisas portuguezas.

HYMNO Á LIBERDADE

\*\*\*

Pela ideia sagrada que nos mostra um mundo novo seja a luta incarnicada, em nome do bem do povo. Acabem-se os privilegios d'uma raça parasita e resurja o proletario das cavernas em que habita.

Á luz aurea do sol seja o combate renhido, da matutino arrebol té que o dia seja ido. E se acaso a tyrannia nos quer oppor embaraços ergamos com nossos braços popular soberania.

Corra a voz de serra em serra como corre uma levada. Façamos rolar por terra a Realeza ensanguentada. E em quanto reaes exercios

chegando o fogo aos canhões nos pretendem dominar —luctemos como leões!

Galgando de noute em noute ou elevando-se ao ar, circundando o horizonte ou sobre as aguas do mar, a nossa voz altaneira ha-de animar os soldaos a assaltar essa trincheira dos carrascos coroados.

Resoem os nossos hymnos pelos bosques e outeiros. Sejamos todos guerreiros n'esta guerra sem rival. Seja a guerra pela Paz! Seja a guerra da justiça! Entremos todas na liça n'esta lucta social!

Já tocam os clarinetes dos marciaes batalhões. Anciosos os corações fazem os peitos arfar. «A' guerra pela patria» diz uma voz estranha, nem rio nem montanha nos hão-de fazer parar.

Já relincham o ginetes, pelas ventas fumegando. Hemos vel-os avançando com o mais fervido ardor. Fluctuam as bandeiras nos dois campos inimigos. Eia! affrontemos os perigos do belligero prazer!

Pobre povo! na servidão sob iniquo senhorio, tu soffres a fome e o frio enquanto folga teu senhor. Pela tua liberdade! pela tua redempção! pela santa revolução combatamos com furor!

Heliodoro Salgado,

BIBLIOGRAPHIA

As *Garatujas*, por Mello Freitas. Tomo substitutivamente cargo d'esta secção, na ausencia do seu cathedratico, e espirito lucido, ávido de letras, empapado em modernos conhecimentos, juvenil e perscrutador. Pessima substituição. Sou um preguiçoso e um incapaz.

Se assim como ha' adaptação de faculdades especiaes a funções especiaes, houvesse adaptação de faculdades criticas ás letras iniciais, eu e o meu antecessor pequena differença fariamos como escriptores, por que C. da F. dista de C. F. gramaticalmente apenas os metros que vão desde a contracção da proposição de e do artigo a até ao insignificante paiz r r timetico do zero.

Um erudito portuguez com muito bom humor demonstrou a ligação entre a assignatura, a firma de cada auctor e o seu caracter litterario. Se assentou verdadeiros ou phantasticos principios, não affirmo, mas sim que o meu predecessor tem calligraphia formosa, em quanto que a minha chega a ser duvidosa, chega a inspirar desconfianças sobre a sua existencia.

E certo é tambem que C. F. não pôde hombrear litterariamente com C. da F. Eis um theorema cuja demonstração se vai ver já, com pezar meu.

\*\*\*

As *Garatujas* são, nem mais nem menos, uma collecção de sonetos.

O espirito phantastico de Mello Freitas, sempre preocupado com a ironia, nem a si proprio quiz poupar com aquelle titulo. De *garatujas* nada tem o livro. Ha alli sonetos patrióticos, estuando em enthusiasmos civicos, e consagrando frementes grandisidades, como o *Marquez de Pombal*, *Garibaldi*, *O Terremoto*, e *Reischoffen*; ha outros e muitos, amorsos, impregnados de perfume na forte essencia da paixão, como os intitulados *Vendetta*, *Abandonado!*, *Mysterioso abismo*, *Esculptura*, e sobre tudo *Forget me not*, onde o poeta apparece com mimo riquissimo, com volupia melodia e com delicadissimo e subtil phrasendo. Além d'estes sonetos ha outros em que a jovialidade e a satyra sacodem ruidosos casca-

veis; taes são: o *Boletim militar*, *Episodio balnear*, o *Bric-à-brac*, o *Testamento* e a *Cavatina*, que é um gracioso exemplo do bem achado artificio e da destreza de um gymnasta litterario.

E se os assumptos repellem a capitulação de *Garatujas*, para mais longe a lança o cuidado da forma, o esmero da phrase, e a faciidade brilhante dos conceitos.

A prosa do prefacio é um trecho primoroso e opulento no seu conciso esboço dos ultimos 30 annos de poesia portugueza.

Mas não só me opponho ao titulo do livro; regeito e desabôno essa affirmção do A., quando diz ser:

Bacharel Formado em Direito, Socio Correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa, Socio Fundador da Associação de Jornalistas e Escriptoires Portuguezes e MAIS NADA.

Mello Freitas não é só aquillo; é mais muito mais. Elle é tudo!

Desde jogador do bilhar até jogador de florete, desde moço do fardo até cavalleiro, desde velocipedista maritimo e terrestre até discipulo de Mr. Vidal, desde caçador de pardaes até atirador ao alvo, desde humorista até primeiro official de governo civil, desde lambareiro até luctador contra uma conjunctivite, a sua vontade indomavel engrandece-lhe as aptidões, e não conhece estorvos.

E' assim que elle depois de elegante e victoriado prosador das *Ironias Transparentes*, e das *Violetas*, busca a consagração de poeta. A audacia do seu espirito não o deixou provar armas nas escaramuças de facéis formas poeticas, provocou logo a combate singular o pavoroso vulto do soneto. *Audaces fortuna juvat*.

Para mim Mello Freitas tem acima de tudo as amovaveis prendas de primo e amigo. Por isso ninguém se escandalise se erre — sem querer, é claro, — a apreciação das *Garatujas*.

Com elle collaborei n'um folheto. As flores que sobre o livrinho caíram, pertencem-lhe todas, porque é sua a porção mais numerosa e a unica boa da obra. E como não espero publicar livro algum, não haverá direito a suppor que escrevo com a penna do elogio mutuo.

O que aqui fica escripto não pôde andar longe da verdade. Na anterior opinião do seu livro — *Violetas* — não estive fóra de fio, segundo me abonaram os artigos de varios escriptores, artigos que colleccionados com outros sobre as *Ironias Transparentes* apparecem no fim das *Garatujas*, como documentos de bom comportamento litterario no processo poetico que Mello Freitas offerece agora com atenuantes á justiça dos leitores.

Esses documentos são o unico vicio de bacharel formado em direito, unica manifestação de rabulice que tenho conhecido n'aquelle espirito franco e invejado.

Proyam elles, porém, um facto bem agradável para Mello Freitas: — que o publico lhe deu promptamente a consagração merecida.

E não será fóra de oportunidade contar o que succedeu ao grande romancista hespanhol Perez Galdós, agora tão festejado e obsequiado. Depois de ter escripto muitas obras notaveis e excellentes, mas que não alcançaram notoriedade, appareceu sobre o seu romance — *Marianella* — no jornal mais lido de Madrid, o *Imparcial*, um artigo critico que celebrava as qualidades extraordinarias e superiores de Perez Galdós. Essa apreciação foi um acontecimento.

Queres agora saber, Mello Freitas, o que succedeu então ao romancista? As pessoas com quem mais convivia foram perguntar-lhe se elle era o Galdós a que se referia o *Imparcial*, e quando recebiam a resposta affirmativa, exclamavam:

Quien lo hubiera dicho, hombre!

Parabens, pois, meu dilecto Mello Freitas!

Carlos Faria.

\*\*\*

Obras politicas de Gambetta, traduzidas por Emygdio de Oliveira — 2.º volume.

Recebemos o 2.º volume d'esta importantissima publicação. N'ella se podem retemperar os espiritos que desejem comprehender a mais alta e pura significação da democracia.

Ali se encontram as noções mais nitidas da liberdade, ali está o credo do civismo, ali as aspirações mais generosas da sociedade moderna.

Ao illustre traductor agradecemos a sua delicadeza, e recommendando a obra como digna das estantes dos nossos leitores, cumprimos apenas um dever.

Providencias

Quando em 4 de março, pedimos, ás autoridades encarregadas da policia d'esta cidade, providencias, afim de obrigar os cocheiros que guiam os trens, de noute, a traserem as lanternas com luz, para se evitarem os atropellamentos, o sr. administrador do concelho houve por bem attender ao nosso pedido, mandando, segundo fomos informados, intimar todos os individuos que alugam trens, para que não consentissem que os seus *cocheiros* (?) continuassem a praticar tal abuso, sob pena de serem multados os que transgredissem as suas ordens.

Porém, novamente somos informados que o abuso continua, porque a intimação não serviu de nada, desde o momento em que a policia não tratou de estar á espreita, velando pelo cumprimento das ordens do sr. administrador do concelho.

Mas não é só para a falta de luzes que nós voltamos a pedir providencias, é tambem para o inaudito escandalo de se consentirem individuos guiando trens, sem a competente carta de habilitação! Isto dá o resultado, de a todos os momentos succederem desastres, devidos á inepecia dos ignorantes que se appellidam de cocheiros.

Ainda não ha muitos dias que um trem rodava sobre um dos passeios da rua de José Estevam, porque o sigeito que o guiava, nem sequer sabia pegar n-s relesas!

Como este facto, podiamos apontar muitos, mas inten lemos ser desnecessario, porque a autoridade tem obrigação de velar pela segurança das pessoas e pelo cumprimento das leis.

Esperamos ser attendidos, para não nos vermos na necessidade de estar todos os dias a verberar as autoridades que não cumprem com os seus deveres.

Ao presidente da camara

Vamos perguntar ao sr. presidente da camara municipal para que diabo serve o codigo de posturas municipaes, os seus zeladores, e todos os mais empregados encarregados da policia municipal d'esta cidade?

Nós até ao presente, não lhe conhecemos utilidade nenhuma, a não ser para uso interno e externo do sr. presidente e para acompanharem os galopins do mesmo sr. nas correrias do suborno das consciencias, por occasião das eleições!

Mais nada!

A policia municipal é feita como o sr. presidente muito bem sabe; isto é, negocio de compadres, porque n'esta abençoada terra cada um faz o que quer, o caso está em ser progressista, regenerador-constituente, ou reaccionario legitimista. Além d'isto, os empregados encarregados da policia dormem a bom dormir e de modo tal, que qualquer cirurgião d'esta localidade tratando de um doente que não possa dormir, em lugar de lhe recetar *emulsão de sementes frias*, com *acetato de morphina*, ministra-lhe um emprego de policia municipal, que o doente, com toda a certeza, fica curado radicalmente, senão ficar eternamente a dormir.

Ora já que os empregados da camara municipal tratam isto como se fosse um sertão Africano, nós vimos, em nome dos habitantes d'esta cidade, pedir ao sr. presidente da camara municipal, para que se digne ordenar que cesse o carregamento de estrume a todas as horas do dia, lembrando ao mesmo sr. presidente, que na quarta-feira pelas 7 e meia horas da tarde, proximo dos largos Municipal e de S. Braz, se esteve carregando estrume á porta d'um funcionario publico!

Este facto, que muita gente presenciou e censurou, por ser no centro da cidade e em frente dos paços municipaes, vê-se por ali a todos os momentos e em todas as ruas, e a policia dorme, o sr. presidente fornece-lhe opio e o povo paga para toda esta pandega municipal.

Providencias sr. presidente, mas providencias energicas e dignas d'um funcionario que tem obrigação de zelar pelo bem estar dos seus municipes.

Se o não fizer voltaremos ao assumpto e então é de rachar.

Chegada

Chegou a esta cidade o nosso amigo e correligionario o sr. Alípio Coelho d'Almeida, cavalheiro distincto e um dos mais acreditados negociantes da praça de Lisboa.

Estada

Esteve n'esta cidade, retirando-se hontem para Sever do Vouga, o nosso presadissimo amigo e collaborador o sr. Eduardo Arvins, caracter honestissimo a quem consagramos verdadeira estima.

Atenção

Nesta redacção compram-se os n.ºs 5, 13, 15, 38, 46, 56 e 61 do jornal.—O Povo de Aveiro.

A Mão Negra?

O dr. Amancio Pinheiro, o homem que já teve a habilidade de descobrir nihilistas na Povoia, assim como agora descobriu a Mão Negra no Porto, acaba de ser requisitado para assistir á coroação do czar de todas as Russias, attendendo á maneira corajosa como se houve na descoberta da bezigueira pavorosa Mão Negra, que tanto barulho fez em Portugal.

Mas dr. Amancio não é um Antunes, como para ali disseram! Dr. Amancio é mais do que isso!! E'... zero! Elle só descobre aquillo que não existe, e mais descobrirá se mais nada existir. Nasceu com este defeito, mas defeito que lhe custará caro, porque não se insulta impunemente um pãnhado de cidadãos mais dignos, mais honrados e mais trabalhadores, do que s. ex.º dr. Amancio.

Uma das victimas do furor aucto-ritario de s. ex.º, foi o nosso amigo Alberto Augusto de Bessa Carvalho, a quem o despote Pinheiro obrigou a acompanhar-o, apprehendendo-lhe em seguida os manuscritos que lhe encontrou em casa.

Além d'este nosso amigo foram presos mais cinco cidadãos, e mais seriam presos se o Arrobos Hydrophobo Portuense não acalmasse com umas gotas d'agua que lhe cabiram na cabecinha exaltada de monarchismo parvo.

A questão é que os nossos amigos passaram pelo vexame, e a tal Mão Negra não appareceu senão no cerebello tresloucado do dr. Amancio Pinheiro, que vai brevemente partir para a Russia exercer as funcções do seu cargo.—Espião-mór da monarchia pôdre e já em decomposição.

Agora deixamos fallar o nosso collega O Protesto Operario, que finalisa o seu artigo principal com as seguintes palavras:

«Se o sr. dr. Amancio tinha desejos de se mostrar um Bismark em ponto pequeno, um Thiers de biscuit não devia vir procurar a Mão Negra ao meio dos trabalhadores honestos que toda a cidade conhece e que contam amigos em todas as agrupações politicas, o que talvez não aconteça aos seus perseguidores. Se s. ex.º queria descobrir a Mão Negra não precisava vir tão longe, incommodar tanta familia e causar tantos prejuizos!... Mas não cabiram em sacco rotos os sacrificios passados, durante cinco dias de prisão pelos nossos companheiros. Elles foram submettidos á prova real e sahiram-se bem d'ella, ficando agora cada vez mais dispostos a trabalhar em prof. do proletariado que morre de fome sob as patas dos fogo-

sos alasaos que tiram os coches da burguezia ainda hoje triumphante.

Eis o motivo porque dizemos não se perderam os dias que os nossos amigos passaram nas prisões.»

Parabens ao nosso amigo Bessa, a a quem recommendamos a maior cautela com os despotas que dirigem os negocios da justiça no nosso paiz. São monarchicos... e basta!

Registro civil

No dia 29 do mez passado, foi registado na administração do bairro oriental de Lisboa, um filhinho do nosso correligionario o sr. João Coelho Graça.

O menino recebeu o nome de Diderot.

Foram testemunhas os nossos collegas do Noventa e Trez o sr. Augusto de Figueiredo e do Seculo o sr. dr. Magalhães Lima.

A padralhada lagrimeja com estas noticias.

Avante e guerra aos sotainas vendilhões da doutrina de Christo.

Novo Jornal

Recebemos o primeiro numero do jornal O Feirense que se publica na Villa da Feira. Aceitamos a troca e desejamos longa vida ao collega.

Obreiros do Senhor

Foi preso na estação de Grenoble (França), o irmão Namasius, de quarenta e quatro annos de idade, director dos congreganistas d'aquella cidade, accusado d'attentar contra o pudor d'um rapasinho de seis annos d'idade.

Do nosso presadissimo collega O Seculo, transcrevemos a seguinte noticia, para os nossos leitores poderem avaliar a pureza dos reverendos padres, representantes de Christo na terra (?):

«Escreve-nos um nosso assignante da provincia, contando a historia edificante d'um padre de certa localidade, historia demasiada conhecida da gente d'aquelles sitios.

Este santo varão, de temperamento assaz lascivo, começou a sua carreira munda por desflorar uma sua irmã. D'este fecundo conunbio nasceram duas pequerruchas.

Para esconter o escandalo obrigou a rapariga a casar com um pobre homem, um miseravel que se prestou a tão vil transacção para arranjar de comer.

O hom do padre encarregou-se da educação d'uma das filhas, e quando viu a terra flor em estado de ser colhida, amancebrou-se com a propria filha, resultando d'estes amores uma creança.

Esta união deu origem a um parentesco complicado: a infeliz creança é ao mesmo tempo sobrinha, filha, e neto do mesmo santo varão.

Este facto é de tal forma revoltante que custa a acreditar. O nosso assignante garante-nos a sua authenticidade e promete dar conta de mais algumas proezas amorosas do D. Juan de sachristia.»

Oh! collega, d'estes D. Juans de sachristia também por aqui ha muitos, se não são eguaes, são peiores! Occcano com elles.

O nosso presadissimo collega a Republica Federal de Ponta Delgada, conta o seguinte:

«Ouvimos que um dos infelizes que emigraram ha poucos dias para as ilhas de Sandwich, querendo levar a sua consciencia em paz, livre de peccados fóra confessar-se a uma das nossas egrejas. O padre depois de ouvir o penitente, perguntou-lhe:—A que freguezia pertence?—Sou de...—Traz consigo a bulla?—Não, senhor.—Vá primeiro comprar a bulla para eu lhe daitar a absolvição.

—Senhor, eu logo hei de comprar.

—Nada, não o absolvo sem comprar uma bulla.

A isto é que se chama saber apro-

veitar: nem a um desgraçado que emigra, fugindo ás miserias da patria, se lhe perdoa o imposto da bulla!

A Mosca

Publicou-se o n.º 7 d'este semanario humoristico illustrado que apresenta o retrato da festejada actriz Amelia Garraio.

A Mosca tem a redacção e administração estabelecidas na rua do Mirante n.º 6, Porto, e o seu preço da assignatura é apenas 250 réis por trimestre.

Que bons annuncios

O governo de Moscow recebeu uma carta dizendo que, como o czar da Russia não outorgou uma constituição ao povo russo, a coroação será impedida «ainda mesmo que para isso se torne necessario fazer voar o Kremlin inteiro».

Em S. Petersburgo descobriu-se um novo deposito de dynamite.

Toilette Romano

Em sexta feira santa as senhoras de Roma, para visitar as egrejas, vestem uma toilette, que apezar de luttuosa, é extremamente elegante. As damas mais honestas e da mais pura aristocracia não tem duvida em se decotar, adornando as suas brancas espaduas com todas as joias bentas da ourivesaria sagrada.

Uma d'estas damas, que levava uma cruz de diamantes n'um corpete dos mais decotados, ia passando por diante dos cardeaes, que a seguiam longamente com o olhar.

—Não vê aquella magnifica cruz? disse um d'elles.

—Não, respondeu o outro... estou contemplando o calvario.

A Companhia Fabril Singer

Previne para os devidos effeitos que, desde esta data, deixou de ser seu empregado, Francisco Simões dos Santos.

Ninguem por isso faça transacções com o mesmo empregado em negocios da mesma companhia, porque não terão validade.

Aveiro 31 de março de 1883.

A Companhia Fabril Singer.

El Liceo Brigantino

Acabamos de receber o n.º 24 d'esta revista illustrada, dirigida por D. Ricardo Caruncho, cujo summario é o seguinte:

Cartas á Carlos, por Alejandro Carré—Articulo XIX de la novela Pablo Gomez, por R. Segade Campomór.—El sitio de Berlin, R. C.—Poesias, La virtud, por Alejandro Carré. ¡Avelina! por Pio Perez.—No cimiterio, por Alvaro Simon; Ausencia, por I Maselles Mirapeix—D. Manuel Ramirez, por Ricardo Caruncho—Indicaciones barométricas.—Sección bibliográfica, por X. Noticias-Velada para el 25.

SUPLEMENTO.—Historia de Galicia, por Varela Silvani, académico de número de la Filarmonica de Basilea (continuación).

Naufragio

O Dunstaffwag, navio de 2:000 toneladas, procedente de Liverpool, perdeu-se totalmente, cerca de oito milhas ao Sul de Aberdeen, perecendo vinte e trez pessoas, incluindo a mulher e a filha do capitão.

Anedoctas

D'um jornal francez transcrevemos a seguinte anedocta relacionada com o principe de Gortschakoff:

«Depois de ter sabido d'um jantar, a que assistiu o inverno passado em S. Petersburgo, o chanceler procurou debalde no bolso do pardessus uma

carteira, que continha trinta mil rublos em papel, que havia trocado n'esse dia.

Mandou logo chamar o commissario de policia, o qual lhe prometeu entregar-lhe as notas com certeza em menos de quinze dias. Effectivamente decorrida uma semana trazia-lhe, não a carteira de que o ladrão, como este proprio confessava, se desfizera a correr, mas a quantia quasi intacta.

O caso pareceu estranho ao principe de Gortschakoff, contudo deixou o passar.

Porem, alguns dias mais tarde, mettendo a mão n'um bolso que se esquecera de revistar, encontrou a carteira com os trinta mil rublos roubados completos.

Não é verdade que a policia moscovita é a primeira policia do mundo?»

Diccionario de geographia

Passamos a transcrever as palavras, com que um editor d'um diccionario de geographia publicado no estrangeiro, recommenda a sua obra:

«Pesa tres kilos e quatro centas grammas; é de tal modo comprido que, estendidas as suas linhas umas apoz outras obter-se-hia uma linha total capaz de dar volta á cidade de Bruxellas; a superficie do papel d'este livro mede mais de sete centos mil centimetros quadrados.»

A isto replica um jornal:

«Podemos ficar tranquilos depois d'estas informações:—o livro deve ser uma obra prima de... sciencia e exactidão.»

Aos nossos assignantes

Pedimos aos nossos estimaveis assignantes, que se acham em debito, a fineza de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas, para o bom andamento da administração d'este jornal.

Preço dos generos

Os principaes generos alimenticios correm no nosso mercado pelos seguintes preços:

Table with 2 columns: Item and Price. Items include Feijão laranja, Branco, Mostarda, Manteiga, Frade, Caraga, Trigo gallego, Tremez, Milho branco, and Dito amarello.

ANNUNCIOS

SÓ 2 DIAS DE VENDA

Domingo e 2.ª feira

A CASA DE LISBOA de A COELHO D'ALMEIDA & C.ª 18—RUA DO CAES—17

AVEIRO

Prevenimos o respeitavel publico aveirense de que nos retiramos d'esta cidade na proxima terça feira.

Querendo, pois, comprar fazendas baratas, é vir ao nosso estabelecimento, aproveitando os unicos dois dias de venda—DOMINGO e SEGUNDA.

É tal o preço que nós fazemos ás nossas fazendas, que alguns negociantes d'esta cidade, parecendo-lhes impossivel que nós podessemos vender tão barato, telegrapharam ao chefe d'esta filial, dizendo-lhe que as vendas aqui feitas pelo gerente eram com prejuizo!!!! O publico verá por isto que ninguem

pode competir connosco e a prova é a INVEJA dos nossos competidores.

E para provar aos nossos competidores, que vendendo barato, ainda ganhamos, resolvemos fazer 3 p. c. de desconto a todo o freguez que comprar quantias superiores a 1\$000 rs.

Vinde, pois, á rua do Caes, 17 e 18—Aveiro.

Arrendamento

Arrenda-se as terras que possui a viuva de Antonio José Lopes, denominadas Chão do Moimho, entre a Povoia do Paço e Villarinho, e que constam de terras de semeadura para trigo, milho e arroz.

Acceptam-se propostas em carta fechada até ao dia 8 de abril em casa da mesma viuva, na rua da Costeira d'esta cidade, devendo ser abertas n'esse mesmo dia pela uma hora da tarde.

Aveiro, 30 de março de 1883.

TYPOGRAPHO

Offerece-se um para qualquer typographia do reino.

Quem precisar dirija-se á redacção d'este jornal, onde se prestam esclarecimentos.

Galeria Republicana

Editor e proprietario JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director—MAGALHÃES LIMA

COLLABORADORES—Augusto Rocha—Alexandre da Conceição—Aves da Veiga—Antonio Furtado—Anselmo Xavier—B. Machado—Bernardino Pinheiro—Costa Goodolphim—Gomes Leal—G. Benevides—José J. Nunes—J. M. Lattis—Coelho—João Monteiro—Maria Luiza Caldas—Reis e Souza—Roberto Valença—Rodrigues de Freitas—Silva Graça—Silva Lisboa—Teixeira Bastos—Theophilo Braga—Trigueiros de Martel e outros.

A Galeria Republicana, collaborada pelos principaes escriptores do nosso partido, foi fundada com o intuito de tornar bem conhecidos, por meio de retratos em photographia e esboços biographicos, os vultos mais importantes do partido republicano, tanto nacionaes como estrangeiros; para esse fim contratou as photographias com um dos primeiros photographos da capital o sr. ANTONIO MARIA SERRA; a parte typographica tem sido successivamente melhorada, sendo este anno e para os futuros impressa a duas cores e em abril proximo será impressa em typo elzevir completamente novo. O seu proprietario tem envidado todos os seus esforços para que esta publicação seja a mais nitida e elegante no seu genero em o nosso paiz. A Galeria Republicana publica-se regularmente duas vezes por mez.

Até ao fim de maio recebem-se assignaturas fornecendo-se todos os numeros desde o n.º 1 até ao n.º 48, fim do corrente anno, pelo preço de 3\$300 réis. Os numeros respectivos ao 1.º anno vendem-se em folhas soltas por 2\$500 réis, encadernados em papel chagrin por 3\$000 réis, e em panno chagrin e pasta dourada por 3\$500 réis.

Assigna-se e vende-se no kiosque do Rocio (lado norte) e tabacaria Victor Hugo, Largo do Passeio, 17, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos acompanhados da respectiva importância, sem o que, não são satisfeitos.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA Quem angariar 10 assignaturas receberá uma gratis

Table with 2 columns: Subscription type and Price. Includes options for 24 numbers, 12 numbers, 6 numbers, and avulso numbers.

**OBRAS POLITICAS**

DE  
**LEON GAMBETTA**

Primeiro volume

CARTAS E PROCESSOS

Acha-se á venda em todas as livrarias.—Por assignatura, 300 réis cada volume—Avulso, 400 réis.—Provincia, ilhas, Africa e Brazil, acresce o porte do correio.

No prelo, o segundo volume—O Processo do Baixo Imperio. Todos os volumes são completamente desligados uns dos outros.—Retratos de Gambetta, em meio corpo, lytographados em papel especial, 300 réis.

Todos os pedidos devem ser dirigidos a Alcino Aranha, editor, Rua de Cima da Villa, 23, Porto e em Lisboa F. N. Collares,—Rua da Atalaya, n.º 48.

**MUITA ATENÇÃO**

CASA DE LISBOA

DE

A. Coelho d'Almeida & C.º

17—RUA DO CAES—18

AVEIRO

Este novo estabelecimento já bem conhecido do publico Aveirense, acaba de receber um novo sortido de fazendas de novidade, taes como setins pretos e de cor (especialidade) merinos e cachemiras, pretas e de cor, espartilhos, rufes, penteadores bordados, e muitos outros artigos.

No mesmo estabelecimento se encontra um completo sortido em luvras de pelica tanto para homem como para senhora e creança.

17—RUA DO CAES—18—AVEIRO

**CALÇADO DE LISBOA**

A fabrica Gomes & filhos manda tambem este anno durante a feira de março um seu empregado com sortimento de calçado, de que desde já previne os seus freguezes que no anno antecedente fizeram favor dese fornecer d'esta casa.

Tambem annuncia que acceitou a agencia d'esta fabrica o Ill.º Sr. Eduardo Augusto Ferreira Osorio, com estabelecimento de fazendas na rua dos Mercadores 26, o qual se incumbirá das encomendas que houver a fornecer na continuação.

**OFFICINA DE SERRALHARIA**

DE

**JOÃO ANTONIO DE SOUZA**

4---Largo da Apresentação---6

EM

**AVEIRO**

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

**SERÕES ROMANTICOS**

EMPRESA EDITORA—BELEM & C.º

Lisboa---26, Rua da Cruz de Pau, 26---Lisboa

**MYSTERIOS D'UMA HERANÇA**

ULTIMA publicação de Xavier de Montépin, auctor do romance—O FIACRE N.º 13.

1.ª parte—A Herança de René.

2.ª parte—Crimes sobre crimes.

3.ª parte—Espiação.

Edição ornada com chromos a dez côres e com magnificas gravuras. Cada chromo 10 réis. Um brinde a cada assignante no fim da obra.

Assigna-se em todas as livrarias e no escriptorio da empresa editora BELEM & C.º rua da Cruz de Pau, 26, onte se dão os prospectos.

**!NOVIDADE!**

Ourivesaria Manu-

factora

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

N'esta officina executa-se com toda a perfeição e maxima brevidade toda a obra d'ouro ou prata.

Galvanisa-se toda a qualidade de metal, em obras.

Garante-se em todos os trabalhos a modicidade de preços.

Encomendas a José Eduardo Mourão.

**Ernesto Chardron**

EDITOR—PORTO

**BIBLIOGRAPHIA**

PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL

Assignatura por anno... 500 réis  
Para o estrangeiro... 600

Publicaram-se os n.º 1 e 2 do 4.º anno

**SUMMARIOS:**

Do n.º 1.º

A BRAZILEIRA DE PRAZINS, de C. C. Branco, critica do *Commercio de Portugal*.—A CIDADE DO VICIO, de Fialho d'Almeida, por Alfredo Galis.—HISTORIA UNIVERSAL DA EGREJA, do dr. Atzog, pelo dr. Luiz Maria da Silva Ramos.—OBRAS de D. Agnes d'Ornellas de Vasconcellos, por J. C. Machado.—O AGRICULTOR PORTUGUEZ, critica da *Voz do Povo*. LYRA INTIMA, de Joaquim d'Araujo, por Oliveira Martins.—Publicações portuguezas, e francezas da livraria Hachette et C.º

Do n.º 2.º

A BRAZILEIRA DE PRAZINS, de C. C. Branco, por Valentim Demonio e José de Sousa Monteiro.—A CIDADE DO VICIO, de Fialho d'Almeida, por Manuel da Silva Gayo.—Bons livros para bibliothecas.—Novas publicações portuguezas e estrangeiras.

Restam poucos exemplares do 1.º, 2.º e 3.º annos

PREÇO DE CADA UM 1\$000 REIS  
Estes annos contem muitos artigos do Ex.º Sr. Camillo Castello Branco e de outros escriptores, e as polemicas a respeito do *Cancioneiro Alegre*, Eusebio Macario e a *Corja*.

AOS SRS. AUTHORES E EDITORES

Annunciam-se na *Bibliographia* as obras de que se receber 4 exemplar.

ANNUNCIOS NA BIBLIOGRAPHIA  
Preço de cada pagina. 3\$000 réis  
1/2 " 1\$600

**A MÃO NEGRA**

HISTORIA DA TERRIVEL SEITA

Assigna-se na *Imprensa Occidental*, rua da Fabrica, 66—Porto, e em todas as livrarias.

Por volume 400 réis—aos fasciculos 50 réis.

**ATENÇÃO**

Vende-se uma caldeira de cobre de amplas dimensões. N'esta redacção se dão esclarecimentos.

LUIZ DOMINGOS VALENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHARIA

EM

**AVEIRO**

FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systems, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuzo do preço de 1\$900 a 9\$000, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.



**GRANDE**

**NOVIDADE**

A COMPANHIA FABRIL SINGER

Apresenta desde hoje á venda a sua nova machina de cozer de

**LANÇADEIRA OSCILANTE**

É ESTA A REVOLUÇÃO MAIS COMPLETA QUE TEM HAVIDO NAS MACHINAS DE COSTURA.

Trabalho sem igual ao de todas as machinas silenciosas e de lançadeira até hoje conhecidas.

As suas grandes vantagens são:

Braço muito elevado.—Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.—Agulha ajustavel de per si.—Dois mil pontos n'um minuto.—Levissimas no trabalho.—Silenciosas sem equal.—Não precisa encher canellas.—Não precisa enfiar a lançadeira.—Pespointo o mais bello e mais elastico. Todo o seu mecanismo ajustavel e com o uso e os annos está a machina sempre perfeita.

**GARANTIDA POR DOZE ANNOS**

**PRIVILEGIO EXCLUSIVO EM PORTUGAL POR 20 ANNOS**

para familias; para alfaites; para sapateiros; para toda a classe de trabalho.

Machinas desde o preço de 8\$000 réis até 130\$000 réis, com os melhoramentos mais modernos e canelleiro automatico.

Todas as pessoas encontrarão no trabalho da machina SINGER-FAMILIA de LANÇADEIRA OSCILANTE o que ha de mais perfeito e bem acabado.

Todos os industriaes executarão na machina SINGER industrial de lançadeira oscilante os trabalhos mais delicados e com a maior facilidade, como nunca terão visto.

Aos alfaites e sapateiros chamamos a sua attenção para esta nova machina de lançadeira oscilante.

EXISTENCIA PERMANENTE NOS ARMAZENS 1:300 MACHINAS

VENDAS A DINHEIRO

com desconto de 10 p. c.

VENDAS A PRESTAÇÕES DE 500 RS. SEMANAES

SEM PRESTAÇÃO DE ENTRADA

ENSINO GRÁTIS

Cuidado com as imitações

Exigir sempre a marca da fabrica e que os recibos ou contas tenham as seguintes palavras «Machina legitima da Companhia Fabril Singer.»

**Companhia Fabril Singer**

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

(Pegado ao edificio da Caixa Economica.)

**AVEIRO**

32—Largo da Praça—53

**OVAR**

E

Em todas as capitales de districto de Portugal